Lição 1: Necessidade de definir o movimento e as coisas a ele relacionadas

> “ Necessidade de definir o movimento e as coisas a ele relacionadas

275. Tendo resolvido a questão dos princípios das coisas naturais (Livro I) e a dos princípios desta ciência (Livro II), o Filósofo aqui começa a prosseguir seu plano original, que é chegar a conclusões sobre o sujeito desta ciência, o ser móvel tomado absolutamente.

O tratamento, então, divide-se em duas partes:

Na primeira, ele conclui a respeito do movimento em si mesmo (Livros III-VI);

Na segunda, ele conclui a respeito do movimento em relação aos motores [coisas que movem outras] e às coisas móveis [coisas que outras movem] (Livro VII).

A primeira parte divide-se em duas:

Ele conclui a respeito do movimento em si (Livros III-IV);

Ele conclui a respeito de suas partes (Livro V).

Quanto à primeira, ele faz duas coisas:

Ele expõe o que está sob investigação;

Ele a prossegue, a partir de 279.

Com referência à primeira destas, ele faz duas coisas:

Ele expõe aquilo sobre o qual pretende tratar principalmente;

Ele estabelece certas coisas que lhe são adjacentes, com as quais estará subsequentemente preocupado, a partir de 277.

276. Quanto ao primeiro [189], ele usa o seguinte argumento: A natureza é o princípio do movimento e da mudança, como é evidente pela definição estabelecida no Livro II. (Mas como movimento e mudança diferem, será mostrado no Livro V.) E assim é evidente que, se alguém não conhece o movimento, não conhece a natureza, uma vez que o primeiro [movimento] está colocado na definição do segundo [natureza]. Portanto, como pretendemos apresentar a ciência da natureza, devemos tornar o movimento compreendido.

277. Em seguida [196], ele acrescenta certas coisas que acompanham o movimento. E ele emprega dois conjuntos de razões [para incluí-las], o primeiro dos quais é o seguinte [o segundo no nº 2778, abaixo]:

Quem determina algo deve determinar aquelas coisas que se seguem a ele — pois o sujeito e seus acidentes [propriedades] são considerados em uma única ciência.

Mas o infinito se segue ao movimento intrinsecamente, como o seguinte torna claro:

O movimento está entre as coisas contínuas, como será evidente abaixo no Livro VI (l.6). Mas o "infinito" entra na definição de "contínuo".

E ele [Aristóteles] acrescenta "antes de tudo", porque o infinito que é encontrado na adição de números é causado pelo infinito que está na divisão do contínuo. E que o infinito entra [antes de tudo] na definição do contínuo, ele mostra pelo fato de que aqueles que definem o contínuo frequentemente usam "infinito" — como, por exemplo, quando dizem que o "contínuo" é aquilo que é "divisível ao infinito".

E ele [Aristóteles] diz "frequentemente", uma vez que também se encontra outra definição do contínuo, que é dada nos *Predicamentos* [ou *Categorias*]: o "contínuo" é aquilo "cujas partes estão unidas por um limite comum".

Ora, essas duas definições diferem. Pois o contínuo, uma vez que é um certo todo, é propriamente definido através de suas partes. Mas as partes são comparadas ao todo de uma dupla maneira, a saber, como seus componentes, isto é, segundo a composição, na medida em que o todo é composto a partir das partes; e como seus resolutos, isto é, segundo a resolução, na medida em que o todo é dividido nas partes.

A presente definição, portanto, do contínuo é dada segundo o modo de resolução [divisão em partes]; enquanto aquela que é estabelecida nos *Predicamentos* é segundo o modo de composição [composição a partir de partes].

Portanto, fica claro que o infinito se segue ao movimento intrinsecamente.

Mas há algumas coisas que se seguem ao movimento extrinsecamente, como certas medidas externas: tais como o lugar, o vazio e o tempo.

Pois o tempo é a medida do próprio movimento; enquanto a medida da coisa móvel é, de fato, o lugar segundo a verdade, mas o vazio segundo a opinião de alguns. E, portanto, ele acrescenta que o movimento não pode existir sem lugar, vazio e tempo.

Nem o fato de que nem todo movimento é local afeta isso, pois nada é movido que não esteja em lugar. Pois todo corpo sensível está em lugar, e a ele [corpo sensível] somente pertence ser movido.

Da mesma forma, o movimento local é o primeiro dos movimentos, e quando ele é removido, os outros movimentos são removidos, como será evidente abaixo no Livro VIII (l.14).

Assim, fica claro que as quatro propriedades acima mencionadas são consequentes ao movimento; donde pertencem à consideração do filósofo natural pela razão supracitada.

278. Isso também é verdade por outra razão que ele [Aristóteles] acrescenta posteriormente: a saber, porque os referidos são comuns a todas as coisas naturais.

Assim, sendo tarefa da ciência natural chegar a conclusões sobre todas as coisas naturais, é necessário primeiro determinar sobre cada um destes [quatro]. Pois a especulação voltada para as coisas próprias vem depois daquela sobre as coisas comuns, como foi dito no início [Livro I, l. 1, n. 6]. Mas, entre todas essas coisas comuns, deve-se primeiro chegar a conclusões sobre o movimento em si, porque as outras coisas decorrem dele, como foi afirmado [no item anterior].

279. Em seguida [191], ele coloca seu plano em execução:

Ele chega a conclusões sobre o movimento e sobre o infinito, que acompanha intrinsecamente o movimento;

Ele faz o mesmo para os outros três, que acompanham o movimento extrinsecamente, e isso é feito no Livro IV.

O primeiro tratamento divide-se em duas partes:

Ele conclui com relação ao movimento;

Ele faz o mesmo com relação ao infinito, em 326.

Com relação ao primeiro destes, ele faz duas coisas:

Ele antecede seu tratamento com certas considerações necessárias para investigar a definição de movimento;

Ele define o movimento, em 283.

Quanto ao primeiro destes, ele faz duas coisas:

Ele estabelece antecipadamente certas divisões, visto que o caminho mais adequado para encontrar definições é por meio da divisão, como fica claro pelo Filósofo nos *Segundos Analíticos* II (l. 14 ss.) e na *Metafísica* VII (l. 12);

Ele mostra que o movimento se insere nas referidas divisões, em 281.

280. Com relação ao primeiro destes, ele estabelece três divisões:

A primeira delas é que o ente se divide em potência e ato. Ora, essa divisão não distingue os entes em gêneros – pois potência e ato se encontram em todo gênero.

A segunda divisão é do ente enquanto dividido segundo os dez gêneros: o primeiro deles é "isto algo", i.e., a substância; os outros são: quanto [i.e., quantidade], ou como [qualidade], ou algum outro dos Predicamentos.

A terceira divisão é de um gênero de entes, a saber, daquele que é "para algo" [relação]. Pois o movimento parece, de certo modo, pertencer a este gênero, na medida em que o movente se refere ao móvel.

Para entender esta terceira divisão, deve-se considerar que, como a relação tem o ente mais fraco – consistindo apenas, como o faz, no fato de ser algo referido a outra coisa –, é necessário que ela se funde em algum outro acidente. Pois os acidentes mais perfeitos estão mais próximos da substância, e é através deles como intermediários que os outros acidentes inerem na substância.

Ora, a relação se funda principalmente em dois acidentes que têm uma ordem para outra coisa, a saber, na quantidade e na ação [ou a quantidade pode ser uma medida mesmo de algo externo a ela; enquanto o agente transfunde sua ação em algo outro que não si mesmo].

Por conseguinte, certas relações se fundam na quantidade; e especialmente naquela espécie de quantidade que é o número, à qual pertence a noção básica de medida, como é evidente em "dobro e metade", "múltiplo e submúltiplo" e outros tais. Do mesmo modo, "mesmo", "semelhante" e "igual" se fundam na unidade, que é o princípio do número.

Outras relações se fundam na ação e na paixão: seja segundo o ato existente [no presente], como algo é dito "aquecer" em relação àquilo que é aquecido; seja segundo "ter agido" [no passado], como um pai se refere a um filho porque o gerou; ou ainda segundo a possibilidade de agir [no futuro], como o senhor se relaciona ao servo porque é capaz de fazê-lo fazer algo.

Ora, o Filósofo explica claramente esta divisão na *Metafísica* V (1.17); mas aqui a toca brevemente, dizendo que um tipo de "para algo" [relação] é aquele segundo "excesso e defeito", tipo este que, de fato, se funda na quantidade, como no caso de "dobro e metade"; enquanto o outro é segundo "ativo e passivo", e "movente e móvel", que se referem um ao outro, como é evidente por si.

281. Em seguida [192], ele mostra como o movimento se reduz às [três] divisões supracitadas.

E quanto a isso, faz duas coisas:

Mostra que o movimento não está fora dos gêneros das coisas nas quais o movimento ocorre;

Mostra que o movimento se divide como se dividem os gêneros das coisas, em 282.

Quanto ao primeiro, deve-se observar que, como o movimento, como será evidente abaixo (lição seguinte, nn. 285, 287; l.3, n. 296), é um ato imperfeito, e como tudo que é imperfeito cai sob o

mesmo gênero daquilo que é perfeito em relação a ele – não, de fato, como espécie, mas por redução (assim como a matéria prima está por redução no gênero da "substância") –, necessariamente o movimento não está fora dos gêneros das coisas nas quais o movimento ocorre. E é isto que ele [Aristóteles] afirma, a saber, que o movimento não está "fora das coisas", i.e., fora dos gêneros das coisas nas quais o movimento se encontra, de modo a ser algo estranho a, ou algo comum a, esses gêneros.

E ele torna isso evidente pelo fato de que tudo que é mudado é mudado ou segundo a substância, ou a quantidade, ou a qualidade, ou o lugar, como será mostrado no Livro V.

Ora, não se encontra nesses gêneros algum elemento comum unívoco que não estivesse sob algum predicamento, mas fosse seu gênero; mas o ente lhes é comum segundo a analogia, como será mostrado na *Metafísica* IV (l.1). Donde também fica claro que nem o movimento nem a mudança estão fora dos gêneros supracitados, pois nada está fora destes últimos e eles dividem suficientemente o ente. Mas, quanto à questão de como o movimento se relaciona com o predicamento da ação ou da paixão, isto será explicado abaixo (l.5).

282. Em seguida [193], ele mostra que o movimento se divide conforme se dividem os gêneros das coisas.

Pois é evidente que em todos os gêneros uma coisa pode estar presente de dois modos: ou como algo perfeito, ou como algo imperfeito. A razão disso é que a privação e a posse são a contrariedade primeira, que se encontra em todos os contrários, conforme é afirmado na *Metafísica* X (l.6). Donde, como todos os gêneros se dividem por diferenças contrárias, é necessário que em todos haja o perfeito e o imperfeito: assim, na "substância", algo é como forma e algo é como privação; na "qualidade", há algo como o branco, que é perfeito, e algo como o preto, que é, por assim dizer, imperfeito; na "quantidade", uma coisa é quantidade perfeita, outra, imperfeita; no "lugar", algo está acima, que é, por assim dizer, perfeito, e algo está abaixo, que é, por assim dizer, imperfeito; ou ainda, há o leve e o pesado, que se situam no "onde" [lugar] em virtude da inclinação [a um certo lugar] que neles existe. Portanto, é evidente que, segundo as divisões do ser, correspondem divisões do movimento.

Pois as espécies de movimento diferem conforme os diferentes gêneros do ser — como o "aumento", que é o movimento na quantidade, difere da "geração", que é o movimento na substância.

As espécies de movimento diferem igualmente segundo o perfeito e o imperfeito no mesmo gênero: pois a "geração" é o movimento na substância em direção à forma, enquanto a "corrupção" é o movimento em direção à privação; e na quantidade, o "aumento" é em direção à quantidade perfeita, a "diminuição" em direção à imperfeita. Quanto à questão de por que não são atribuídas duas espécies na qualidade e no "onde" [lugar], isso será explicado no Livro V (l.4).

Revision #2
Created 27 September 2026 17:51:36 by Admin
Updated 1 October 2026 23:39:32 by Admin